

Paulo Silva Pereira

METAMORFOSES DO ESPELHO

O ESTATUTO DO PROTAGONISTA
E A LÓGICA DA REPRESENTAÇÃO FICCIONAL
NA TRILOGIA DE RODRIGUES LOBO



temas portugueses

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho, que reproduz, com ligeiras alterações, a dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada em 1996 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, teve como principal e mais forte impulsionador o Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro. Pela sua incondicional disponibilidade, pela orientação científica atenta e crítica que sempre proporcionou, pela generosidade com que facultou material bibliográfico próprio e, acima de tudo, pelo estímulo que nos momentos mais difíceis soube conceder, é da mais elementar justiça manifestar-lhe aqui toda a nossa gratidão.

À Imprensa Nacional-Casa da Moeda, na pessoa do seu presidente, Doutor António Braz Teixeira, o nosso profundo reconhecimento por generosamente ter acolhido a sua publicação.

Finalmente, gostaríamos de deixar o nosso agradecimento a quantos, de formas diversas mas sempre com inestimável valor, contribuíram para a realização deste projecto.

NOTA TÉCNICA

A edição das obras de Francisco Rodrigues Lobo utilizada na elaboração deste estudo é a de 1774, Obras Políticas e Pastoris de Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues.

Em todos os passos transcritos actualizámos a grafia, mas procurámos manter, sempre que possível, a pontuação do original.

PREFÁCIO

Sob a chancela da Imprensa Nacional-Casa da Moeda alcança hoje um público mais vasto do que o júri que, em 19 de Dezembro de 1996, a apreciou nas provas de Mestrado em Literatura Portuguesa, a que o autor se candidatou, com unânime e pleno êxito, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a dissertação de Paulo Jorge da Silva Pereira intitulada *Metamorfozes do Espelho. O Estatuto do Protagonista e a Lógica da Representação Ficcional na Trilogia de Rodrigues Lobo*, ou seja, num *corpus* textual constituído pelas novelas pastoris intituladas *Primavera* (1601), *Pastor Peregrino* (1608) e *O Desenganado* (1614).

Mais do que o cumprimento de um rito protocolar a que Paulo Pereira não quis fugir, convidando gentilmente para nele officiar quem, com grande prazer e proveito, lhe tem servido de orientador científico, desejaria eu deixar nestas breves palavras de apresentação um sentido muito profundo de apreço intelectual e humano para com um jovem que, alheio às pressas da gloriola tão fácil quanto falaciosa e oportunista que hoje ganhou crescente direito de cidade na Universidade portuguesa, apostou com aquela humildade que torna grandes os homens e as coisas que fazem, num repensar crítico delas, neste caso à luz das observações dos arguentes, a que brilhantemente respondera no acto académico onde pela primeira vez fora apreciada, bem como em função da sua própria experiência e de uma ponderada reflexão que, sem lhe deixar a obra na gaveta durante os nove anos recomendados pelo Venusino, lhe deu todavia tempo para a repassar à fieira do seu exigente juízo científico.

Importa, porém, dizer um pouco mais do que isto.

Na concisão da sua formulação, exigida pelos condicionalismos que regulamentam este tipo de trabalhos universitários, tanto na sua elaboração como na sua apresentação, este estudo reveste-se de alguns aspectos que será justo e oportuno sublinhar.

Com efeito, ao optar por uma obra e um autor apenas de alguns conhecidos, mas por muito poucos estudados, Paulo Pereira soube encontrar, no plano da diegese ficcional, uma espécie de núcleo ou pólo de aglutinação em função dos quais construiu toda a sua análise e toda a hermenêutica a partir dela desenvolvida sobre o texto de Rodrigues Lobo. Esse núcleo foi o protagonista, cuidadosamente integrado embora no mundo das restantes personagens ficcionais, cujos processos de elaboração e de expressão textual vai estudando, de modo a individualizá-lo, mas sem o isolar, quer quanto a esse mundo em que harmoniosamente se integra, quer quanto àquilo a que chama «a sua relação funcional com a estrutura organizativa da trilogia», quer ainda quanto à relação dialéctica que o prende ao escritor seu criador.

Daí que tenha dado ao seu trabalho uma organização intrínseca onde profundidade e coerência estrutural harmoniosamente se conjugam para validarem um percurso de análise que, sempre atento aos pormenores, sabe tirar de cada um deles um substancial contributo para a progressiva demonstração da sua «tese» e para a fundamentação da interpretação «poética» que dá à obra estudada.

Animado de uma salutar preocupação de estabelecer com rigor os instrumentos operatórios mediante os quais se dispõe a partilhar a sua experiência de leitura crítica com o seu próprio leitor, começa por, numa parte introdutória, a que deu o sugestivo título de «O horizonte prévio», definir o âmbito e os limites do conceito de personagem, reflectindo com vigilante cuidado, não apenas sobre os problemas que lhe são específicos no plano geral e teórico, mas também, e de modo particularmente oportuno, sobre a configuração peculiar que assume no texto de Rodrigues Lobo.

Na Parte II, consagrada a uma primeira etapa da «(re)construção textual da figura do protagonista», traça as «marcas de um itinerário», isto é, as características de uma evolução que, ao longo das páginas da *Primavera* e do *Pastor Peregrino*, leva Lerenó a percorrer os múltiplos e por vezes desconhecidos caminhos da sua existência ficcional e da sua acidentada vida psíquica e afectiva, para se ir pouco a pouco transformando na sinédoque de todo um mundo estético profundamente marcado pelas contradições de pensar, de sentir e de agir, como foi o da época barroca.

Dando sequência a esta Parte II, a terceira incide sobre «a experiência singular d'O *Desenganado*», para mostrar os efeitos da transformação que se opera no protagonista, mas numa perspectiva que, para além de pôr em relevo as diferenças de carácter, de comporta-

mento e de significado que o distinguem das suas configurações anteriores, visa um confronto dialéctico entre o Pastor desenganado e a personagem de Oriano, que adquire então um estatuto próprio entre os demais comparsas e, por conseguinte, uma consistente centralidade no palco da diegese. Sempre afectiva e espiritualmente muito próxima de Lereno, esta personagem de Oriano, assim revalorizada na novela final da «trilogia», assume aquilo a que Paulo Pereira chama, com feliz propriedade, a expressão da «supremacia final do amor e da felicidade», enquanto aquele personifica uma lógica diametralmente oposta, «de sentido descendente [...] com a sua caminhada para uma desejada, mas fatalmente impossível, isenção amorosa, nimbada pelo desengano», como se estivéssemos, pela mão do novelista-poeta, perante um único espelho de faces diferentes que reflectissem, com curiosas e por vezes antagónicas distorções de imagem, uma mesma realidade psicológica e estética, não raro presente num único indivíduo, de que nasce a grande força dinamizadora da cultura e da estética do Barroco, como aquela *coincidentia oppositorum* de que falava Dámaso Alonso.

Fugindo aos vícios da velha metodologia seguida em História Literária e à sedução de uma interpretação da vida imaginosa ou imaginada das personagens a partir dos dados biográficos do Autor, Paulo Pereira nem por isso deixou de fazer história da cultura, da literatura e das ideias estéticas (para nos servirmos da expressão tão querida a Menéndez y Pelayo), autenticando-a com marcas do melhor quilate, como verdadeira prata de lei que é.

Importa, além disso, não esquecer que a tendência predominante nos estudos relativos à história da ficção narrativa portuguesa tem sido a de deixar num flagrante esquecimento a esmagadora maioria dos textos produzidos até ao Romantismo, apenas escapando a este descaso, mais filho da falta de estudo que de outra causa, a *História de Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro. Basta vermos, para disso termos prova significativa, a *História do Romance Português*, publicada em 1967 por João Gaspar Simões¹, onde, com bem discutível critério periodológico, aos «livros de cavalarias» é concedido um escasso capítulo, e ao «romance pastoril», outro, ainda mais breve.

Ora este estudo de Paulo Pereira vem inquestionavelmente mostrar como este género romanesco, nas suas várias expressões, mas com particular incidência nas suas variantes pastoril e cavalei-

¹ Lisboa, Estúdios Cor.

resca, contém belezas e significados culturais, simbólicos, linguísticos e estilísticos que, se continuassem desconhecidos, amputariam a produção literária do Renascimento, do Maneirismo e do Barroco, tanto em prosa como em verso, de um cabedal estético do maior alcance para a sua completa compreensão.

Deste modo o estudo de um aspecto específico, embora relevante, da ficção pastoril portuguesa de Seiscentos, para além do mérito de desvelar a beleza poética de uma série de obras praticamente desconhecidas e, por isso mesmo, não apreciadas, representa ainda, e com não menor ênfase, um modelo de como, a partir de um trabalho circunscrito, tanto pelo seu *corpus* textual, como pelas condições inerentes à finalidade académica a que se destinava, se podem trazer novos contributos de grande validade científica para muitos dos campos hoje explorados pelas mais recentes perspectivas seguidas nos estudos literários, da personagem ficcional ao estilo, ou seja, da *inventio* à *elocutio* dos antigos compêndios de Retórica, à sombra dos quais tantos destes textos foram, afinal, elaborados; mas sem esquecer a estrutura, correspondente moderna da *dispositio*, a determinação dos valores semânticos dos textos, em si e no contributo que dão à definição dos estilos de época; a periodização, com os fundamentos que permitem estabelecê-la; e até a profunda simbiose que, em todas as épocas, mas de modo muito especial, na da escrita destas obras, se estabelece entre a cultura e a literatura, o mesmo é dizer que entre a vida e a poesia.

E foi este percurso simbólico, com todas as consequências que dele decorrem para o melhor conhecimento do fenómeno literário devidamente integrado no devir da História, que, através de um suporte teórico seguro e actualizado, de um rigor crítico verdadeiramente exemplar e de uma percuciente análise feita de rara sensibilidade aos mais subtis matizes semânticos e poéticos do texto estudado, que esta obra de Paulo Pereira registou, num discurso de cristalina correcção e de compensador recorte pessoal, onde o rigor conceptual e a uma novidade muito própria, a que por vezes não é estranha uma certa empatia metafórica com o texto estudado, harmoniosamente se conjugam, segundo os melhores preceitos antigos *ad captandam benevolentiam* de quem os queira ler com sumo agrado e succulento proveito, mesmo quando, porventura, e com indiscutível legitimidade, não esteja em integral sintonia com o que neles se diz.

É, pois, com feliz alvoroço e justificada esperança que vemos afirmar-se nestas páginas, como investigador e como professor, um jovem estudioso apostado em explorar essa *selva oscura* que o Bar-

roco ainda continua a ser para a grande maioria da Universidade portuguesa, e capaz de ler e ensinar a ler obras de outros tempos, para colher dessa leitura um farto pecúlio de saber, proveito e prazer próprios, mas sobretudo para com ele dar a conhecer melhor o nosso património literário do passado.

Deus permita que a Universidade o não desiluda e saiba ver nele, como em muitos outros da sua geração, a garantia mais segura da sua continuidade como fonte criadora dos novos saberes, através dos quais há-de prosseguir a sua acção no tempo em favor da formação integral dos alunos que, em cada ano lectivo, lhe batem à porta, entre promessas de esperança e justificados receios de futuros desenganos.

Cernache, Setembro de 2003.

ANÍBAL PINTO DE CASTRO

PREÂMBULO

Quatro séculos volvidos sobre a publicação do seu primeiro romance pastoril (Primavera, 1601), Francisco Rodrigues Lobo continua a ser uma das figuras do panorama literário português que ainda não mereceram a atenção crítica que a qualidade das suas obras inevitavelmente impõe. E se não é este o local mais apropriado para apontar e discutir as razões que conduziram a tão inquietante desfasamento — nem cremos sequer que seja essa a nossa função —, a verdade é que não podemos deixar de lamentar o relativo desinteresse com que tem sido tratado — excepção feita à Corte na Aldeia (1619) — o rico e multifacetado conjunto de textos que o autor nos legou.

A uma obra e a um autor amplamente conhecidos e estimados do grande público preferimos um autor e uma obra que alguns conhecem, que poucos estudaram, mas que nem todos saberão apreciar e compreender. Pesou nesta decisão, desde muito cedo, não só a circunstância académica a que o estudo imediatamente se destinou, pois continuamos a pensar que uma dissertação de mestrado deve privilegiar a exploração das zonas de sombra que ainda persistem no âmbito da cultura e da literatura portuguesas, mas também um propósito claro de enveredar por caminhos pouco trilhados. O preço a pagar por uma tal opção poderá ser, no final, elevado, porque onde não abundam os estudos críticos — estamos a pensar no caso de Lobo — é sempre maior a possibilidade de erro: a aventura crítica passa a jogar-se nessa perigosa fronteira que separa o prazer da novidade do estigma da deficiência.

Sem nunca abdicar de um rigor científico que julgamos inalienável, procurámos conduzir a análise com uma certa fluidez, dando primazia absoluta ao texto e não procurando impor modelos preconcebidos ou, por outras palavras, tentando adequar o método ao

objecto em estudo, no sentido de evidenciar todas as suas potencialidades. O romance pastoril, se requer da parte do leitor/receptor uma atitude de boa-vontade cooperante, exige da parte do leitor crítico — entidade a quem cabe não só conferir inteligibilidade ao texto, como também explicar por que razão ele potencia determinados efeitos de sentido — uma enorme flexibilidade, uma vez que o obriga a jogar quer com a polivalência modal inscrita no próprio seio da obra, quer com a multiplicidade significativa que se abre diante de si, pelo sucessivo entrelaçamento de significados simbólicos e alegóricos.

Tendo sempre presente esta orientação, procurámos dar resposta a dois objectivos primordiais: por um lado, o de evidenciar o processo de constituição textual da figura do protagonista, sublinhando os atributos que o individualizam, o inevitável princípio evolutivo que lhe adensa a fisionomia, as implicações temático-ideológicas que a cada passo vai suscitando, mas também a sua relação funcional com a estrutura organizativa da trilogia, o «diálogo» insinuante que mantém com a entidade autoral, e a sua participação no sentido da obra globalmente considerada; e, por outro, o de explorar a singularidade do universo ficcional em que o mesmo aparece integrado, tendo em conta que se trata de uma questão central para a definição do estatuto ontológico da personagem.

Sabendo, de antemão, que um estudo com estas características poderia facilmente redundar numa análise estritamente imanentista, tivemos sempre a preocupação — doseada segundo o grau de pertinência de cada ponto em análise — em integrar este ou aquele aspecto da obra de Lobo no seio de uma alargada corrente intertextual, procurando assim criar em redor do texto-base um sólido envolvimento de natureza contextualista. Na verdade, bastaria pensar nas múltiplas regras e convenções que o romance pastoril a si próprio impõe para entender até que ponto se justifica esta preocupação.

Cabe ainda realçar, nesta fase liminar do trabalho, o nosso afastamento em relação a qualquer leitura redutoramente biografista, assente numa transposição imediata de informações do domínio do texto literário para o domínio do mundo empírico, como se entre um e outro não se fizesse sentir o peso de qualquer tipo de mediação estético-literária. Apesar da expressão que tem tomado, ao longo da história da ficção pastoril, a corrente interpretativa que procura descodificar, através de uma hipotética «chave», certos segredos biográficos inscritos no texto, cremos que os resultados eventualmente obtidos através desse método não são de molde a poder justificar a

sua utilização exaustiva e sistemática. Poderá haver casos em que se aplique com inteira justeza, casos em que extravasa o conteúdo do texto e casos em que manifestamente adultera o seu sentido, pelo que, na falta da tão propalada «chave», será melhor conservar o bom senso e atermo-nos somente aos horizontes que o texto abre diante de nós.

Expostos os objectivos principais e esclarecidas algumas questões de princípio, cumpre agora explicitar a estratégia organizativa do trabalho.

Na Parte I, «O horizonte prévio», desenvolvemos uma breve reflexão sobre a problemática da personagem (cap. I), notando com especial cuidado a forma como se manifesta no texto, os problemas que a sua delimitação teórica levanta, o modo como o leitor, a partir de certos elementos textuais, elabora uma imagem coerente das características que a identificam, e enumeramos os traços essenciais do universo ficcional, salientando a marca singular da sua configuração (cap. II).

Nos cinco capítulos que compõem a Parte II esforçar-nos-emos por mostrar o percurso existencial do protagonista do primeiro ao segundo romance da série. Partindo de factores como o envolvimento amoroso, a irreduzível sujeição da personagem à força cega do Destino, a errância que o afasta do seu centro vital (o Vale do Lis e Lena) criando uma complexa e multifacetada experiência de sofrimento, ou a derradeira exaltação apoteótica, mostraremos como esse percurso está longe de poder ser reduzido a uma imagem linear, desprovida de sobressaltos ou convulsões.

A Parte III do trabalho vai deter-se exclusivamente sobre a experiência do protagonista ao nível do último romance da série, mostrando os efeitos da profunda mutação que nele se operou. Mas não é somente pela substancial diferença de atitude e de comportamento da personagem que importa operar esta cisão no corpus textual de base — aquilo que, desde o subtítulo, temos designado como «trilogia» —, criando dois momentos/ciclos autónomos: ela justifica-se também pela reordenação — de flagrantes consequências ideológicas — que se opera no interior do sistema de personagens, conduzindo à instauração de uma sugestiva dialéctica entre o destino do protagonista e o de uma outra personagem, que a seu tempo nomearemos. Cremos ter aberto o caminho, com esta opção metodológica, a uma análise mais englobante e rigorosa, uma vez que há uma nítida diferença de tratamento da personagem central em cada um dos momentos.

A concluir, uma palavra sobre o título, Metamorfoses do Espelho, e sobre o significado que através dele pretendemos veicular. Mais do que um simples propósito de «fazer metáfora», moveu-nos a intenção de demonstrar, de forma sugestiva, a complexa estratégia de representação que a trilogia de Lobo põe em movimento. Entre a esfera ficcional e o horizonte extratextual não se estabelece uma relação de tipo especular, mas uma relação plena de subtileza, de reflexos múltiplos, de metamorfoses várias, adquirindo o todo uma feição quase translúcida. A imagem que no espelho se reflecte não é a imagem concreta do objecto real, é a imagem que do objecto real fica depois da intervenção da máquina ficcionalizante. Imagem substancialmente enriquecida, diga-se, pois conserva os vestígios do modelo primitivo, mas revela toda uma constelação de novos efeitos, capazes de despertar em quem os vê o sentido da emoção estética. Neste constante movimento pendular entre a «palavra» e o «real», entre o possível e o existente, ganha o jogo ficcional um profundo sentido lúdico, porque mostra e encobre, em simultâneo, as marcas da sua própria produção.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	IX
<i>Nota técnica</i>	X
Prefácio, de ANÍBAL PINTO DE CASTRO	XI
Preâmbulo	XII

PARTE I

O HORIZONTE PRÉVIO: DA CONSTITUIÇÃO DO TEXTO AO EXERCÍCIO DA PRÁTICA INTERPRETATIVA	1
Capítulo I — Para uma teoria da personagem — Preliminares teóricos e metodológicos	3
Capítulo II — A trilogia pastoril de Rodrigues Lobo — Considerações sobre a natureza e os fundamentos de uma experiência ficcional	21
1. Representação ficcional e organização compositiva da trilogia	21

PARTE II

A (RE)CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA FIGURA DO PROTAGONISTA (I): DA PRIMAVERA A O PASTOR PEREGRINO — MARCAS DE UM ITINERÁRIO	39
Capítulo I — O protagonista e as maquinações do amor	41
1. A «história de Sileno» como enunciado prefigurativo	42
2. A relação teleológica do desejo	47
2.1. Prelúdio: o alvorecer do desejo	47
2.2. Sinais de mudança: o Eu visto através do olhar do Outro	55
2.3. O Bosque revisitado	62
2.4. Lereno no labirinto: os (des)encontros amorosos	76

Capítulo II — O rosto mudável da Fortuna e a pseudotraição de Lereo . . .	85
Capítulo III — Errância, expiação da culpa e ascese	97
Capítulo IV — Tempo de ausência	125
Capítulo V — O reencontro amoroso e a celebração do canto ou as duas fa- ces da apoteose	159

PARTE III

A (RE)CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA FIGURA DO PROTAGONISTA (II): A EXPE- RIÊNCIA SINGULAR D’O <i>DESENGANADO</i>	183
Conclusão	197
Bibliografia	203
Índice onomástico	213

Colecção TEMAS PORTUGUESES

Últimas obras publicadas:

O RITMO NA POESIA DE ANTÓNIO NOBRE

Luís Filipe Lindley Cintra

Edição de Paula Morão

EÇA DE QUEIRÓS, UMA ESTÉTICA DA IRONIA

Mário Sacramento

Prefácio de Carlos Reis

DE OURIQUE AO QUINTO IMPÉRIO

PARA UMA FILOSOFIA DA CULTURA PORTUGUESA

Joaquim Domingues

ANTERO DE QUENTAL, UMA VISÃO MORAL DO MUNDO

Leonel Ribeiro dos Santos

ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL

PENSADORES PORTUENSES CONTEMPORÂNEOS

(1850-1950)

3 vols.

O PERIODISMO JURÍDICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XIX

PÁGINAS DE HISTÓRIA DA CULTURA NACIONAL OITOCENTISTA

Luís Bigotte Chorão

Prefácio de Martim de Albuquerque

MIGUEL DE UNAMUNO E TEIXEIRA DE PASCOAES

COMPROMISSOS PLENOS PARA A EDUCAÇÃO DOS POVOS PENINSULARES

J. M. de Barros Dias

Prefácio de Manuel Ferreira Patrício

2 vols.

«MARÍLIA DE DIRCEU» DE TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA

OU A POESIA COMO IMITAÇÃO E PINTURA

Fernando Cristóvão

Reimpressão da edição de 1981

EDUARDO LOURENÇO — OS ANOS DA FORMAÇÃO

(1945-1958)

Miguel Real

CULTURAS JUVENIS

José Machado Pais

2.ª edição

O CREPÚSCULO DOS GRANDES

A CASA E O PATRIMÓNIO DA ARISTOCRACIA EM PORTUGAL (1750-1832)

Nuno Gonçalo Freitas Monteiro

2.ª edição revista

GIL VICENTE 500 ANOS DEPOIS
ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL
*Organização de Maria João Brilhante, José Camões,
Helena Reis Silva e Cristina Almeida Ribeiro*
2 vols.

FRADIQUISMO E MODERNIDADE NO ÚLTIMO EÇA
1888-1900
Ana Nascimento Piedade
Prefácio de Isabel Pires de Lima

A ONTOLOGIA INTEGRAL DE LEONARDO COIMBRA
ENSAIO SOBRE A INTUIÇÃO DO SER E A VISÃO ENIGMÁTICA
Manuel Cândido Pimentel

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA UROLOGIA EM PORTUGAL
(SÉCULOS XIII A XX)
Arménio F. Pinto de Carvalho

RAÚL PROENÇA — BIOGRAFIA DE UM INTELLECTUAL
POLÍTICO REPUBLICANO
António Reis
2 vols.

ALMEIDA GARRETT — UM ROMÂNTICO, UM MODERNO
ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO
DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO ESCRITOR
*Organização de Ofélia Paiva Monteiro
e Maria Helena Santana*
2 vols.

METAMORFOSES DO ESPELHO
O ESTATUTO DO PROTAGONISTA E A LÓGICA DA REPRESENTAÇÃO FICCIONAL
NA TRILOGIA DE RODRIGUES LOBO
Paulo Silva Pereira
Prefácio de Anibal Pinto de Castro